



«Não sinto nem orgulho nem vaidade...». E Almada Negreiros caminhou, lentamente, Rossio abaixo

A MAIOR SOMA PAGA POR UMA OBRA DUM ARTISTA PORTUGUÊS VIVO

MIL E TREZENTOS CONTOS VALEU O RETRATO DE FERNANDO PESSOA NO LEILÃO DOS IRMÃOS UNIDOS

**O QUADRO—DE ALMADA NEGREIROS—
CUSTARA 30 CONTOS AOS ANTERIORES
PROPRIETÁRIOS**

— São mil e trezentos contos!... Mil e trezentos contos?... Mil e trezentos?...
Nenhuma oferta mais. Terminava ali um dos mais emocionantes leilões do nosso tempo. Comovente. Porque em causa, não estava uma jóia rara ou o valor material deixado por meia dúzia de endinheirados. O objecto em leilão era de natureza fortemente espiritual. Uma obra de arte. Um retrato a óleo do poeta Fernando Pessoa assinado pela mão de um dos maiores pintores contemporâneos: Almada. Esse mesmo que, sem disfarçar completamente a emoção que o tomava, assistia fora de portas do extinto Restaurante Irmãos Unidos.

dos (cepto e trinta e sete anos de crónica e tradição cidadinas que cedem a um mero acto de comércio...) ao leilão que abria a velha casa do Rossio centenas de pessoas interessadas. Não no famoso quadro, mas no seu destino.

Lá de dentro, através do grande vidro da porta, um amigo de Almada transmitia ao pintor, por gestos, o montante dos lances que se sucediam.

Cinco dedos e meio abriram na expressão algo hermética de Almada Negreiros o primeiro sorriso.

O quadro que vendera a António Guitado por trinta contos em 1954 dobrava, em valor, quinhentos contos, 16 anos depois!

Mas o gesticular do amigo não cessava. E em breve não chegariam todos os dedos das mãos para informar devidamente o autor do retrato de Fernando Pessoa.

Mil e trezentos contos! A maior soma paga por uma obra de um artista português vivo!

...Em 1950, uma tela famosíssima do espantoso Columbano (o Grupo do Leão, também adquirido a um restaurante) custara 500 contos ao Ministério da Educação Nacional, destinado às coleções do Museu Nacional de Arte Contemporânea, então dirigido por Diogo de Macedo. E um quadro de

Continua na 11.ª página)



Numerosos curiosos acorreram aos Irmãos Unidos para ver quem era o feliz arrematante

NA 10.ª PAGINA

VIDA

ARTÍSTICA

D.N. 15-1-1970

MIL E TREZENTOS CONTOS PELO QUADRO DO ALMADA

(Continuado da 16.ª página)

Amadeu de Sousa Cardoso, adquirido à vista do pintor pelo crítico e historiador francês Jean Cassou para o museu que dirige em Paris — o Museu Nacional de Arte Moderna — não chegara a custar sessenta contos. Mais: no dia e quase à hora em que estava em leilão o retrato de Fernando Pessoa nos Irmãos Unidos, no York Bar as telas de outro célebre pintor contemporâneo — António Soares — não ultrapassavam em conjunto os trezentos e cinquenta contos.

Quatro sérios competidores

Aliás, era sabido que os proprietários do quadro o retirariam de leilão se ele não atingisse um valor sério. Qual?... Podemos adiantar que a verba mínima capaz de o fazer mudar de mãos, andaria pelo meio milhar de contos. O próprio Almada esperava que as ofertas não excedessem seis centenas de contos...

Dai o espanto geral claramente traduzido nos rostos de todos os presentes quando o pregoeiro sr. Herminio de Mendonça disse:

— Arrematado pelo Ex.º Sr. Joaquim Mimitinsky. Parabéns! Claro que a venda carece de autorização do Ministério da Educação Nacional...

...Toda a gente o sabia. O quadro fora arrolado, previamente, inventariado pelo Ministério da Educação Nacional. O que significa que, ao abrigo do disposto na nossa Constituição, nenhum estrangeiro, mesmo que residente em Portugal, poderá entrar na sua posse.

Todavia, não foi notada no leilão a presença de qualquer representante do Estado, que poderia ter interesse numa obra fundamental da moderna pintura portuguesa. Até pelo que tem de evocativa de um movimento artístico de profunda renovação no quadro da cultura portuguesa.

Quanto à Fundação Gulbenkian, adquirira já para as suas instalações em Paris uma réplica pintada por Almada Negreiros, que inverteu a posição da figura e lhe deu novas dimensões.

...Assim, o antiquário e negociante em Arte que é o sr. Joaquim Mimitinsky, acabou por ficar na posse daquela obra. Porque foi o mais ousado de quatro sérios competidores nessa emocionante discussão de posse travada, especialmente, por quatro interessados: o antiquário Pereira Coutinho, Madame Ortega (que abandonou a competição com um lance de mil contos) o eng.º Duarte Silva

(que o destinava à coleção particular e aguentou até aos 1250 contos) e... Joaquim Mimitinsky que deixou a impressão de não ser exactamente a sua coleção que se destina o belo e valiosíssimo... retrato de Fernando Pessoa, espinha dorsal da mensagem do «Orpheu»...

Muda, assim, de dono uma obra cujo destino foi fruto de controvérsia e de preocupações. Aliás, o «Diário de Notícias», no seu suplemento de Letras e Artes, de 25 de Junho de 1964, referiu-se à questão nos termos seguintes:

«...Segundo nos consta alguns dos principais coleccionadores de Arte estão interessados na sua aquisição. Colocado num café-restaurant e se pensarmos no que sucedeu aos painéis da «Brasileira» do Chiado, presentemente inutilizados por se encontrarem sem o devido resguardo, o retrato de Fernando Pessoa, uma das obras decisivas da pintura portuguesa contemporânea, hoje com projecção internacional — deverá ali permanecer ou deverá recolher a um recinto em que esteja devidamente protegido?...»

O eterno Almada

Quanto tinham ido aos «Irmãos Unidos» para saber apenas a que mãos iria parar o retrato de Fernando Pessoa, começaram a debandar. De mãos nos bolsos do sobretudo escuro e com a sua boina negra colocada sem cuidado, Almada Negreiros diz ao que o abordavam:

— Não sinto nem orgulho nem vaidade pelo preço atingido pelo meu quadro. Creio que é uma vitória de todos os portugueses. A mim, faz-me supor que, afinal, alguma coisa fiz pela cultura no nosso país. Gostaria de dizer ao comprador, que fulgo não conhecer, quanto me comoveu este seu acto...

E caminhou, lentamente, Rosário abaixo.

Para o Museu da Cidade a placa evocativa da criação de «Orpheu»

Por equívoco, a placa que, sob o retrato de Fernando Pessoa, evocava no restaurante que ora desaparece a criação do movimento do «Orpheu», foi incluída no leilão. Atingia já o valor de 10.000 escudos quando foi retirada pelos seus proprietários que a destinavam, afinal, a oferta à C. M. L., para o seu Museu da Cidade. Evocará, ali, um restaurante centenário intimamente ligado à vida e à cultura da cidade onde nasceu um dos movimentos artísticos mais válidos de toda a Cultura Portuguesa.



Ao centro, sorridente, o homem que pagou 1300 contos por uma obra de Almada. Com percentagem de impostos, o retrato de Fernando Pessoa custar-lhe-á cerca de 1500 contos!